

DIÁLOGOS COM ESCRITORAS NEGRAS: POR UMA PLURALIDADE NA LEITURA

DIALOGUES WITH BLACK WOMEN WRITERS: FOR A PLURALITY IN READING

DIÁLOGOS CON ESCRITORAS NEGRAS: POR UNA PLURALIDAD EN LA LECTURA

Marisa de Souza Cunha Moreira¹

Resumo: Este ensaio teórico pretende discutir um dos caminhos possíveis para a pluralidade leitora, pois concentra-se na contribuição do pensamento de escritoras negras. A problemática consiste em olhar para a leitura, no sentido de refletir sobre a in(visibilidade) de algumas mulheres que escrevem e contribuem tanto na área literária como na filosófica. A análise considera o contexto social brasileiro e suas contradições, principalmente no que se refere ao acesso aos bens culturais, considerando que as condições de desenvolvimento, inserção profissional e divulgação de trabalho não são igualitárias. Essa divisão econômica e, conseqüentemente de classes, reflete no mercado editorial, que reproduz as questões de gênero e raça presentes no cotidiano do país. Desse modo, o trabalho de caráter bibliográfico apresenta como considerações finais a potencialidade que as obras de escritoras negras possuem no sentido de contribuir para uma pluralidade de leitura, no processo social e na ampliação dos modos de ver e sentir a cultura Afro-brasileira.

Palavras-chave: Leitura; pluralidade leitora; escritoras negras.

Abstract: This theoretical essay intends to discuss one of the possible paths for the plurality of readers, as it focuses on the contribution of the thought of black women writers. The problem is to look at reading, in the sense of reflecting on the in(visibility) of some women who write and contribute in both the literary and philosophical areas. The analysis considers the Brazilian social context and its contradictions, especially with regard to access to cultural goods, considering that the conditions for development, professional insertion and dissemination of work are not equal. This economic and, consequently, class division is reflected in the publishing market, which reproduces gender and race issues present in the country's daily life. Thus, the work of bibliographic character presents as final considerations the potential that the works of black women writers have to contribute to a plurality of reading, in the social process and in the expansion of ways of seeing and feeling Afro-Brazilian culture.

Keywords: Reading; reader plurality; black writers.

Resumen: Este artículo pretende discutir uno de los caminos posibles para la pluralidad de lectores, pues se centra en la contribución del pensamiento de escritoras negras. El problema es mirar la lectura, para reflexionar sobre la invisibilización de algunas mujeres que escriben y aportan tanto en el ámbito literario como filosófico. El análisis considera el contexto social brasileño y sus contradicciones, especialmente en lo que se refiere al acceso a los bienes culturales, considerando que las condiciones de desarrollo, inserción profesional y difusión del trabajo no son igualitarias. Esta división económica y, en consecuencia, de clases, se refleja en el mercado editorial, que reproduce cuestiones de género y raza presentes en la vida cotidiana del país. De esta forma, el trabajo bibliográfico presenta como consideraciones finales el potencial que tienen las obras de escritoras negras en el sentido

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho” – UNESP – Rio Claro.

de contribuir a una pluralidad de lectura, en el proceso social y en la ampliación de las formas de ver y sentir la cultura afrobrasileña.

Palabras clave: Lectura; pluralidad lectora; escritoras negras.

Introdução

Neste texto partimos de uma breve discussão sobre a pluralidade e o entrelaçamento com a leitura. A análise tem como pano de fundo a sociedade brasileira e a conjuntura histórico-social na qual se insere, o que implica considerar as questões estruturais oriundas do período colonial e aprofundadas pelo sistema econômico vigente, tais como: desigualdade entre os gêneros e na distribuição das riquezas e de oportunidades, o preconceito, o racismo e o analfabetismo.

As marcas da escravidão ainda apresentam resquícios na contemporaneidade, seja na prevalência de como as histórias são tecidas e gravadas ou no acesso aos bens culturais que também são influenciados por uma sociedade tão fortemente inspirada em modelos patriarcais. Nesse contexto, pensar em uma pluralidade leitora na conjuntura brasileira implica, em nosso olhar, considerar a realidade econômica que se apresenta dividida em classes, sendo o acesso aos bens culturais limitado a uma parcela significativa da população, além de uma grande dívida histórica: temos milhares de pessoas ainda não alfabetizadas e o mercado de trabalho distingue a remuneração por gênero, cor e formação escolar, o que apontam ao fato de que as possibilidades de desenvolvimento, inserção profissional e divulgação de trabalho não são iguais.

Tal divisão social e econômica reflete-se no mercado editorial: ao se deparar com a lista dos dez livros nacionais de ficção mais vendidos em 2020, de acordo com o portal Guia da Semana (2020), sete deles são escritos por homens e apenas três por mulheres (Ana Claudia Quintana Arantes, Elaine Ourives e Djamil Ribeiro). O que isso significa? Entendemos que a lista dos livros mais vendidos também é um modo de representar a estrutura do país, tanto no quesito valorização dos escritores no que tange à publicação e publicização como reflexo das relações de trabalho.

Publicação e processo social nas relações de trabalho

A circulação dos bens culturais também simboliza e representa o processo social nas relações de produção. Diante disso, é pertinente relacionar a questão da publicação de livros com as relações de trabalho no Brasil, o que nos leva a problematizar a leitura, a partir de alguns questionamentos: Quem escreve e quem é editado? Quem divulga e quem interessa ser divulgado? Quem pode comprar e o que se deseja comprar? Quem pode ler e possui acesso à leitura etc.? Essas inquietações nos mobilizam a olhar para elas com um recorte tendo como lente as questões sociais, étnico-raciais, e de gênero.

Segundo Maciel (2017, p. 232), “o universo literário é rico na representação da mulher nos seus múltiplos estereótipos, como, por exemplo, o da mulher-anjo (doce, meiga e pura) e o da mulher-demônio (lasciva, ardilosa, irresponsável)”, porém a questão de ser protagonista de sua própria história é posta de lado. Para a autora, tais estereótipos são meios de justificar “o rebaixamento social da mulher”, reforçando “o modelo misógino do cânone em que a mulher é excluída enquanto escritora e secundarizada enquanto personagem, legitimando a condição subalterna da mulher na sociedade” (MACIEL, 2017, p. 232).

Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) revelam que a desigualdade social brasileira está estruturada nas desigualdades de raça e gênero, apontando que as condições de vida de mulheres e negros são piores que as das pessoas pertencentes aos outros grupos, acarretando em elementos que dificultam a “participação igualitária em diversos campos da vida social e para as consequências que estas desigualdades e discriminações produzem não apenas

para estes grupos específicos, mas para a sociedade como um todo” (BRASIL, 2011, p. 07). A partir dessa constatação, torna-se importante analisar a pluralidade leitora em um cenário impeditivo para a pluralidade e a participação social e econômica. A pluralidade cultural, de ideias, de produção intelectual é algo que interessa ou contribui de algum modo?

Ainda de acordo com o IPEA (BRASIL, 2011) a pirâmide social brasileira sofreu algumas alterações, contudo, no quesito mobilidade econômica, para a população negra houve uma mudança que inverte um pouco a lógica que privilegia o trabalho exercido por homens, visto que “em 1995, os homens negros tinham rendimentos superiores aos das mulheres brancas”, porém com o tempo, “passam a receber ligeiramente menos, tendência que se pronuncia a partir de 1999” (p. 35). Além disso, a situação torna-se um pouco mais complicada para as mulheres negras, embora,

[...] proporcionalmente, o rendimento das mulheres negras ter sido o que mais se valorizou entre 1995 e 2015 (80%), e o dos homens brancos ter sido o que menos cresceu (11%), a escala de remuneração manteve-se inalterada em toda a série histórica: homens brancos têm os melhores rendimentos, seguidos de mulheres brancas, homens negros e mulheres negras. A diferença da taxa de desocupação entre sexos também merece registro: em 2015, a feminina era de 11,6%, enquanto a dos homens atingiu 7,8%. No caso das mulheres negras, ela chegou a 13,3% (e 8,5% para homens negros). (BRASIL, 2017, [n.p.]).

As pesquisas desenvolvidas pelo IPEA corroboram para o entendimento de que as desigualdades entre raça, sexo e gênero no nosso país, até o presente momento, existem e provocam um abismo que se reflete nas questões sociais, profissionais, culturais e econômicas da população brasileira. Tendo em vista esse retrato, cumpre-nos perguntar: por que dialogar com escritoras negras?

Pluralidade leitora, para quê?

Ao se promover demasiadamente livros escritos por homens, incluindo forte campanha publicitária, enquanto que livros de escritoras não recebem o mesmo tratamento de investimento seja para produção, lançamento e penetração editorial, entendemos que em uma sociedade dividida em classes econômicas, na qual a representação do masculino ainda se sobrepõe a do feminino, a interlocução, por vezes, não atinge as máximas potencialidades, visto que em um espaço não igualitário, o silenciamento e a visibilidade são comprometidos. E as vozes de mulheres? E as narrativas de escritoras negras, ficam onde nesse panorama? Por quê escritoras como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e mais recentemente Conceição Evaristo foram por tantos anos praticamente invisibilizadas?

O movimento em torno da pluralidade leitora reivindica transformação na estrutura social. A leitura é um componente imprescindível para a formação intelectual e à medida em que o ser humano é nutrido culturalmente, torna-se mais potente a capacidade de escolha, questionamento e também da estrutura organizativa para se pleitear mudanças sociais. Sobretudo, a pluralidade leitora é sinônimo de referências plurais, as quais motivam a reelaboração identitária, seja individual seja enquanto nação, pois tais referências proporcionam uma reflexão em torno do que somos.

Adichie (2009) expôs em uma palestra no *TED Talks*² (*Technology Entertainment Design*) que embora tenha crescido em um país africano e possuindo acesso aos bens culturais, ainda enquanto pequena, seu universo literário era povoado de personagens com características físicas muito semelhantes:

² Programa idealizado por uma instituição sem fins lucrativos que visa promover conferências com personalidades de diferentes nações e campo de atuação, visando compartilhar ideias que possam impactar a vida das pessoas.

Eu fui também uma escritora precoce. E, quando comecei a escrever, por volta dos sete anos, histórias com ilustrações em giz de cera, que minha pobre mãe era obrigada a ler, eu escrevia exatamente os tipos de histórias que eu lia. Todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis. Eles brincavam na neve. Comiam maçãs. E eles falavam muito sobre o tempo, em como era maravilhoso o sol ter aparecido. [...] apesar do fato que eu morava na Nigéria. Eu nunca havia estado fora da Nigéria. Nós não tínhamos neve; nós comíamos mangas. E nós nunca falávamos sobre o tempo porque não era necessário. (ADICHIE, 2009, [n. p.]).

O excerto de Adichie (2009) ilustra que a falta de pluralidade leitora mobiliza o ser humano até mesmo a não se reconhecer. É claro que é inegável o conhecimento de outras culturas e de contextos diferentes, o que é algo enriquecedor à humanidade. Questionamos aqui o fato da penetração exacerbada de uma única narrativa que reveste o imaginário das pessoas a ponto que elas mesmas não se reconheçam e desse modo, desconhecendo as histórias de seus ancestrais, a herança cultural tende a ser desvalorizada.

Ao oferecer diversidade literária, de modo especial neste texto que enfoca as obras produzidas por escritoras negras, possibilita-se que os estudantes ampliem o universo criativo, com vistas que a mente seja povoada por experiências enriquecidas pela pluralidade e não preenchida homoganeamente. A pluralidade literária amplia nossa visão de mundo, descerra aquilo que até então não era aparente e permite inclusive que possamos criar narrativas que combatam os estereótipos tão cristalizados no decorrer dos anos, décadas e séculos, trazendo à tona outras personagens, outras protagonistas e incentivando que tantas crianças, jovens e até adultos possam vislumbrar possibilidades até então não cogitadas.

A defesa por uma pluralidade leitora vai ao encontro do que a própria Adichie (2009) testemunha:

A meu ver, o que isso demonstra é como nós somos impressionáveis e vulneráveis face a uma história, principalmente quando somos crianças. Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Bem, as coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de encontrar quanto os livros estrangeiros, mas, devido a escritores como Chinua Achebe e Camara Laye, eu passei por uma mudança mental em minha percepção da literatura. Eu percebi que pessoas como eu, meninas com a pele da cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos de cavalo, também podiam existir na literatura. (ADICHIE, 2009, [n. p.]).

Oferecer livros de escritora negras que tragam personagens com características afro-brasileiras e ou africanas contribui sobremaneira para que a educação cumpra com uma de suas finalidades que é preparar para a cidadania, conforme está posto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (BRASIL, 1996). Como pensar um ensino que contemple a formação de cidadãos sem contemplar a cultura e a história brasileira? A referência à constituição étnica brasileira é impossível sem o contributo indígena e africano, além de outros povos que também estão na história do que hoje é o Brasil; portanto, quando não se contempla essa constituição, nossa história não está sendo contada inteiramente, prejudicando assim, a formação das novas gerações, que podem crescer sem as referências por completo.

Bem, eu amava aqueles livros americanos e britânicos que eu lia. Eles mexiam com a minha imaginação, me abriam novos mundos. Mas a consequência inesperada foi que eu não sabia que pessoas como eu podiam existir na literatura. Então o que a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi: salvou-me de ter uma única história sobre o que os livros são. (ADICHIE, 2009, [n. p.]).

Oportunizar e promover a literatura afro-brasileira é apresentar aos leitores um diálogo, no qual a possibilidade de ser protagonista de sua própria história é algo tangível e que abarca a questão da representatividade, que também envolve a representação feminina.

Por que ler obras escritas por mulheres negras?

A leitura de obras de escritoras negras como qualquer leitura, amplia o horizonte, permite acesso a diferentes visões, é um momento de fruição, contribui para reelaborar o modo de pensar e, além de tudo, conduz a um universo ainda pouco explorado: o de vivenciar uma literatura que até alguns anos foi silenciada, não promovida e, assim, pouco oportunizada. Ler textos escritos por literatas negras é dialogar com uma perspectiva não homogênea e que revela a riqueza de vozes, histórias, vivências, experiências, ancestralidades, denúncias, sofrimentos e alegrias que falam tanto da humanidade e que por muito tempo foram contidas e restritas justamente por conter tanta brasilidade e ousadia em subverter o que consagradamente se estabeleceu como literatura.

A leitura de autoras negras é um modo de trazer o todo brasileiro, visto que o que não é abordado por outras perspectivas aparece nas nos textos dessas escritoras. É meio de desfragmentar, de unir, de completar, de promover mais sentidos à rede de significados que construímos, [...] “pois uma mente que está acostumada à fragmentação vai ter dificuldade para entender um todo complexo” (PAULA, 2012, p. 16).

Ler autoras negras é uma das possibilidades de se combater a discriminação, desconstruir estereótipos que foram construídos ao longo dos últimos três séculos, transmitidos de geração em geração, alimentados e reforçados pelos meios de comunicação, que por vezes, acabam endossando com representações sociais, em muitos casos distantes da realidade, ocultando o processo histórico e não oferecendo outras vertentes, tampouco a representatividade de raça, gênero e classe social. Ler para nos humanizar, uma vez que “particularmente a literatura, quando bem compartilhada, pode nos humanizar, re-humanizar, dimensionar e redimensionar o mundo e os seres humanos” (PAULA, 2012, p. 21-22).

Dialogar com autoras negras significa também reconhecer o pertencimento étnico de nosso país. Para Maciel (2017, p. 234), discorrer sobre “literatura negra e feminina” consiste em reivindicar duplamente “a existência e o pertencimento étnico, tornando visível o que por muito tempo foi invisibilizado”.

Nas palavras de Adichie (2009 [n. p.]) “é assim, pois, que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão”. Cabe, portanto, questionar a invisibilidade de escritoras e sobretudo de escritoras negras no país. Segundo Soares (2000, p. 05) “a discriminação contra negros e a discriminação contra mulheres” são também efeitos da discriminação no mercado de trabalho. Portanto, entendemos que a promoção de obras de escritoras negras também é um meio de subverter a desigualdade no mercado de trabalho e conseqüentemente, econômica.

As mulheres negras arcam com todo o ônus da discriminação de cor e de gênero e ainda mais um pouco, sofrendo a discriminação setorial-regional-ocupacional mais que os homens da mesma cor e as mulheres brancas. Sua situação dispensa comentários. Existe, nesse quadro desalentador, uma boa

notícia. A discriminação salarial contra mulheres, tanto brancas como negras, vem caindo a uma taxa lenta mas constante (SOARES, 2000, p. 25).

Ler textos de escritoras negras é dialogar com a pluralidade cultural, requalificando nossa consciência humana, de modo intenso, ampliando nossa experiência estética, se considerarmos a literatura como uma “ação intensa porque interfere na formação das consciências humanas” (PAULA, 2012, p. 25).

Considerações finais

Concordamos com Maciel (2017) no que se refere à potencialidade e pertencimento da literatura negra que

representa a expressão imaginativa dos escritores negros, tanto na exaltação da especificidade identitária, como inclusão histórico-social, e um meio de denúncia e resistência ao racismo. Neste entendimento, a literatura afro-brasileira é uma contranarrativa, já que é comprometida com a reescrita da história, a partir do ponto de vista da classe que foi subalternizada. Isso vale, principalmente, para a produção literária da mulher negra (MACIEL, 2017, p. 237).

Entendemos, pois, que dialogar com escritoras negras é escutar outras vozes, para ouvir histórias afro-brasileiras e africanas de fontes diretas. É um meio também para fomentar o mercado literário de escritoras. Seja poema, conto, biografia, romance, filosofia, história ou qualquer outra produção intelectual, parafraseando Conceição Evaristo (2011, p. 23), “a poesia é uma viagem regressiva que o poeta exercita no tempo, mas também a conjugação do presente, a fala do cotidiano, a marcação do aqui e do agora, lugar de sonhar, de planejar o futuro. É a sua ferramenta para soldar o elo da corrente rompida”, busquemos soldar o elo da corrente que foi rompida com o preconceito, a desigualdade econômica, social, de raça ou de gênero, dialoguemos para construir uma história que seja nossa e portanto, plural, visto que as escritoras negras trazem não somente muito de si mesmas, mas também do Brasil.

Na construção deste ensaio buscamos apresentar alguns motivos para incentivar os diálogos com escritoras negras, visando uma pluralidade cultural. Nossas pequenas reflexões pretenderam alavancar e promover discussões que partam da realidade concreta e contemplem o porquê da in (visibilidade) e o como tais situações ocorrem e podem ser repensadas, considerando o anseio por uma sociedade mais representativa também no quesito escrita e leitura, pois compreendemos como Paula (2012, p. 36) que “nada é equivalente à arte e à literatura nesse processo de portar e transferir às gerações posteriores a essência do humano.” Assim como Brito (2011), reconhecemos que tais diálogos podem preencher um vazio que talvez nem saibamos que possuímos e, portanto, precisamos de “textos palmares que guardam e difundem lembranças de antigos e novos quilombos” (p. 24).

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. TED – ideas worth spreading. Trad. Érika Rodrigues. 2009. 1 vídeo (19 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Acesso em: 06 jul. 2021.

BRASIL. *Lei n. 9.394/96*: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 06 jul. 2021.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada *et al.* *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. 4. ed., Brasília: Ipea, 2011.

BRASIL. *Estudo mostra desigualdades de gênero e raça em 20 anos*. Brasília: IPEA, 2017. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526. Acesso em: 15 set. 2021.

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. *Poemas malungos – cânticos irmãos*. 2011. 172f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2011.

GUIA da Semana: os livros mais vendidos em 2020. Disponível em: <https://www.guiadasemana.com.br/literatura/galeria/livros-nacionais-mais-vendidos-de-2020>. Acesso em: 06 jul. 2021.

MACIEL, Maria Cristina. Literatura: a voz da escritora negra. *Revista Papéis*, Campo Grande, v. 21, n. 42, p. 230-241, 2017.

PAULA, Laura da Silveira. *Teoria da literatura*. 2. ed. Curitiba: Ibpx, 2012.

SOARES, Sergei Suarez Dillon. *O perfil da discriminação no mercado de trabalho: homens negros, mulheres brancas e mulheres negras: texto para discussão n.º 769*. Brasília: IPEA, 2000.

Sobre a autora

Marisa de Souza Cunha Moreira. Pedagoga e Doutoranda em Educação (UNESP/ Rio Claro). Mestre em Educação pela UFSCar. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Representações, Aprendizagem, Leitura e Escrita (GEPRALE–UNESP/ Rio Claro). Professora da Rede Municipal de Ensino de Limeira.

E-mail: marisa.professora@gmail.com.